
NOTAS E COMENTÁRIOS

Persp. Teol. 16 (1984) 215-248

TEOLOGIA – MAGISTÉRIO – COMUNIDADE ECLESIAL

Para uma discussão sobre suas relações

Nota da Redação: De 13 a 16 de fevereiro p.p., realizou-se em Brasília, DF, um encontro da CED (Comissão Episcopal de Doutrina), organismo da CNBB, com um grupo de teólogos e bispos especialmente convidados. O tema do encontro foi "Teologia – Magistério – Comunidade Eclesial". Dentre os posicionamentos apresentados pelos teólogos presentes, escolhemos cinco que nos pareceram de especial interesse, para publicá-los na PERSPECTIVA TEOLÓGICA. Devem ser compreendidos nos limites daquilo que eles pretendem ser: contribuições para uma discussão. Nenhum dos autores pretendeu elaborar um texto para publicação, mas sim para apresentá-lo à discussão dos participantes da reunião. No entanto, dada a atualidade do tema, parece-nos importante pôr ao alcance de um círculo maior de pessoas as reflexões de Dom Paulo Ponte, Fr. Bernardino Leers O.F.M., Fr. Leonardo Boff O.F.M., Pe. Carlos Palácio S.J. e Pe. Mário de França Miranda S.J.

Agradecemos aos autores que nos tenham permitido publicar suas anotações.

O RELACIONAMENTO DO TEÓLOGO COM A COMUNIDADE ECLESIAL DO PONTO DE VISTA DE UM BISPO

Dom Paulo Ponte

Observação prévia:

Conforme o pedido de Dom Aloísio Lorscheider, o que vou apresentar é apenas uma introdução ao tema do encontro. Por isso pretendo tão somente levantar algumas questões a serem compeltadas por outros, seguindo-se depois uma tranqüila discussão em plenário.

Ao receber o pedido por carta do Pe. Gregório Lutz, a minha atenção se fixou logo na expressão: "do ponto de vista de um bispo". Interroguei-me então: trata-se apenas do ponto de vista deste bispo, no caso, do meu, ou do ponto de vista de um bispo como tal? Evidentemente vou transmitir o meu ponto de vista, mas tentarei identificar o ponto de vista de um bispo como tal. Como consegui-lo?

Veio-me a idéia de pesquisar brevemente o ponto de vista de São Pedro e São Paulo, apóstolos que exerceram a função de pastoreio de maneira normativa para os bispos, que são seus sucessores.

Li rapidamente as duas cartas de São Pedro, as duas de São Paulo aos Tessalonissenses e as duas aos Coríntios; as primeiras por serem as mais antigas e as últimas por serem muito importantes além de antigas.

Percebi logo que o ponto de vista fundamental destes dois apóstolos era a relação entre Comunidade Eclesial e Fé. A grande preocupação que manifestam em suas cartas é a autenticidade e vivência da fé das Comunidades Cristãs.

Fé — Esta fé decorre do evento Jesus Cristo e do seu evangelho. Consiste em "obedecer a Jesus Cristo" (1 Pd 1, 2.8), ao Evangelho (2 Ts 1, 8). Ela repousa em Deus (1 Pd 1, 21), na sua palavra (1 Ts 2, 13). É essencialmente memória ou lembrança, tradição do acontecimento e Boa Nova de Jesus Cristo(1). As primeiras palavras da fé que exprimem a passagem de Jesus à Igreja são expressas por São Paulo com essa introdução: "eu vos transmitti em primeiro lugar aquilo que eu mesmo recebi"(2). A fé confere identidade aos cristãos, distinguindo-os dos pagãos do seu tempo por uma nova conduta(3), dos incrédulos (1 Pd 2, 7-8), dos homens ímpios e perversos (2 Ts 3, 2), dos que não têm esperança (1 Ts 4, 13). Leva os cristãos a afastar-se dos irmãos infiéis (2 Ts 3, 2), dos irmãos impudicos (1 Co 5, 9-13), a suportar as perseguições e tribulações(4), "sofrendo como cristão" (1 Pd 4, 16), consistindo nisso sobretudo, a imitação de Jesus Cristo(5).

Teologia — Esta fé deve progredir e crescer (1 Ts 3, 10), e assim aparece a teologia. Os fiéis devem ser fortificados e exortados na fé (1 Ts 3, 2) a ponto de poderem "dar razão de sua esperança" (1 Pd 3, 15). "Não devem extinguir o Espírito, mas discernir tudo e ficar com o que é bom" (1 Ts 5, 19-20). Devem entretanto se precaver dos "falsos profetas e falsos mestres" por causa de cujas "doutrinas dissolutas", "o caminho da verdade cai em descrédito"(6), "dos ignorantes e vacilantes que torcem as Escrituras para a sua perdição" (2 Pd 3, 15-17), pois "nenhuma profecia da Escritura resulta de uma interpretação particular" (2 Pd 1, 20s). Por um lado é preciso respeitar a fé dos fracos(7) e por outro não se preocupar em agradar aos homens que não querem crer(8).

(1) 2 Pd 1, 12-15; 3, 1-2; 2 Ts 2.15; 3.6.

(2) 1 Co 11, 23-25; 15, 1-7.

(3) 1 Pd 1, 14s; 2.11s; 4, 2-6; 2 Co 6, 9-11.

(4) 1 Ts 1, 6; 2, 14-16; 3, 3s; 2 Ts 1, 4.

(5) 1 Ts 1, 6; 2, 14-16.

(6) 2 Pd 2, 1ss; 3, 3ss.17.

(7) 1 Co 3, 1ss; 8, 7-13.

(8) 1 Ts 2, 4; cf. Gl 4, 10.

É interessante notar o que a TOB diz da primeira carta aos Coríntios: o problema fundamental que a inspirou e que se põe hoje, mais do que nunca, "é o da 'distância cultural', o do enraizamento da mensagem cristã numa cultura diferente daquela na qual tinha vivido precedentemente". "Diante deste problema a atitude de Paulo é ao mesmo tempo firme e matizada: insiste vigorosamente no aspecto de ruptura, condenando impiedosamente os comportamentos e doutrinas que são inconciliáveis com a mensagem que anuncia. Mas quando esta incompatibilidade não existe, ele é acolhedor"(9). "A primeira carta aos Coríntios é talvez a mais atual de todas as cartas de Paulo. Sem dúvida as soluções propostas são marcadas às vezes por um condicionamento cultural diferente do nosso; mas a situação com que o Apóstolo é confrontado é a nossa, e os princípios que comandam suas respostas nada perderam do seu valor"(10).

A comunidade eclesial e o teólogo

A luz deste ponto de vista apostólico que deve continuar no ponto de vista episcopal, pensei então em relacionar a Comunidade eclesial com o teólogo e logo compreendi que a mediação desta relação só pode ser a própria fé. O teólogo aparece como aquele que está a serviço da fé da comunidade, ajudando esta a ter uma "fé que entenda", que saiba "dar razão da sua esperança", que possa "julgar, criticar e distinguir" que saiba "discernir tudo e ficar com o que é bom". Ele contribui para que a fé da comunidade se torne "reflexa e crítica". "Teologia sem fé não existe"(11). A teologia vem da fé, é a ciência da fé e está a serviço da fé. Mas embora a fé seja uma resposta pessoal de cada um à proposta de Deus, ela só se entende bem no seio de uma comunidade. Concordo com o que diz Clodovis Boff: "De fato, o lugar do teólogo é no coração da Comunidade. Seu papel não é pensar para ou pela Comunidade, mas levar a Comunidade a pensar, ajudar a refletir a sua fé e entender a sua prática cristã"(12).

A questão hermenêutica — Para isso é fundamental a questão hermenêutica que possibilita fazer a ligação entre a mensagem cristã da Igreja primitiva, portadora do evento Jesus Cristo e do seu Evangelho e a mensagem da comunidade eclesial que vive a sua fé no contexto atual.

(9) *Traduction ecuménique de la Bible=TOB, Nouveau Testament, Cerf — Les Bergers et les Mages, Paris 1977, 492 e 493.*

(10) TOB, p. 494.

(11) Leonardo BOFF, Elementos de uma teologia em crise, em: *CRB. Dez anos de Teologia*, CRB, Rio de Janeiro 1982, 206-231 (aqui: 224).

(12) Clodovis BOFF, A Igreja, o Poder e o Povo (Relatório teológico de um Curso de Teologia, em: *REB* 40 (1980) 11-47 (aqui: 11).

Esta fé foi a grande preocupação de Pedro e Paulo, em relação às suas comunidades que viveram bastante próximas de Jesus Cristo. Memória e tradição que se atualiza.

Dada a complexidade e a importância do problema hermenêutico hoje, percebe-se o serviço inestimável que teólogos e exegetas são chamados a prestar à comunidade eclesial. Hoje, exige-se muito esforço para obter a capacitação para este serviço que supõe muita aplicação, seriedade e honestidade, tanto para com o passado da mensagem cristã, como para o presente da comunidade eclesial(13).

Como São Paulo em relação aos coríntios, os bispos devem se esforçar para que a fé da comunidade eclesial se apoie nos fundamentos sólidos da mensagem cristã primitiva, portadora da boa nova de Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado. No ambiente cultural de hoje, todo voltado para o futuro e a superação do passado, recordar o passado da fé é uma tarefa ingrata, talvez até antipática, mas essencial para a fé. No exercício desta tarefa os bispos não gozam da simpatia dos homens de hoje. Apelaria para os teólogos sérios, que reconhecem a importância desta tarefa, no sentido de partilharem com os bispos esta responsabilidade dentro da comunidade eclesial. Eles, por naturalmente trabalharem mais na atualização da fé no mundo de hoje, gozam de uma maior aceitação por parte do povo, sobretudo dos jovens. Convido-os a não deixarem na penumbra os fundamentos da fé. Não basta supor estes fundamentos, convém também recordá-los de vez em quando, explicitamente no mundo de hoje, ao povo de Deus. Por sua vez, os bispos devem também partilhar a tarefa atualizadora dos teólogos, reconhecendo explicitamente as suas tentativas válidas feitas neste sentido. Que para bispos e teólogos fique bem claro que a fé autêntica de uma comunidade eclesial quanto mais se enraiza no passado tanto mais se pode projetar com ousadia no futuro.

A formação dos novos presbíteros — Desejo ressaltar agora a importância do teólogo na formação dos "ministros de Cristo e dispensadores dos mistérios de Deus" aos membros da comunidade eclesial. Os bispos sozinhos não têm condição de formar os seus colaboradores no pastoreio dos fiéis. Com muitos bispos, considero a formação dos novos presbíteros um dos maiores desafios da pastoral da Igreja no Brasil. Jesus Cristo, desde o início do seu ministério, valorizou a formação do grupo dos discípulos e apóstolos. Há uma tendência em muitos jovens seminaristas a não querer estudar ou refletir seriamente sobre os funda-

(13) A esse respeito li um artigo que me causou grande satisfação: Johan KONINGS, *Hermenêutica bíblica e Teologia da Libertação*. Uma contribuição para a discussão, em: *REB* 40 (1980) 5-10 (ler p. 9).

mentos da sua fé. Consideram inútil o tempo de formação. Dizem: para que estudar! O que importa é viver com o povo. Contentam-se com artigos, opúsculos ou folhetos na base de "slogans" e manchetes. Perdem o sentido da fé e dos sacramentos como dom gratuito de Deus, com todas as consequências. Como os teólogos poderão nos ajudar neste sentido?

Teólogo e fé do povo — Acima ouvimos que "o lugar do teólogo é no coração da comunidade". Ele deve estar atento à fé do povo. A esse respeito gostaria de fazer algumas observações:

a) Procurem respeitar a fé dos fracos (1 Co 8, 7-13). Como advertiram São Pedro (1 Pd 2, 2) e São Paulo (1 Co 3, 1s), deve ser dado primeiro o leite "espiritual" (o adjetivo vem de "logos"), enquanto o povo não puder suportar o alimento pesado. Gostei muito do que Congar escreveu em "*Vraie et fausse réforme dans l'Eglise*", sobre o "respeito dos prazos" (14). Os teólogos devem fazer avançar o senso crítico da fé da comunidade eclesial (isto é sua tarefa), mas no ritmo que ela pode suportar enquanto crente. Tenha-se um grande respeito à caminhada de fé da comunidade. Apressando demais esse avanço, o teólogo corre o risco de desorientá-la ou desviá-la da fé.

b) Neste sentido seria muito útil e mesmo necessário que os teólogos distinguíssem os escritos propriamente teológicos, dedicados aos adultos na fé e os escritos catequéticos, destinados aos fracos na fé para ajudá-los no amadurecimento. Parece que no Brasil está havendo dificuldade em conseguir isso, como foi dito na última reunião de bispos com a CED. Parece que questões teológicas, ainda controvertidas, complexas e delicadas, são veiculadas na catequese. No contexto cultural de hoje, mais voltado para o futuro e o que é novo, os cristãos que não fizeram uma sólida fundamentação da sua fé em Jesus Cristo — que aconteceu no passado, embora continue presente — têm uma tendência natural a aceitar facilmente idéias novas e peregrinas, sem entender bem o seu sentido, tirando delas consequências gratuitas, prejudiciais para a sua fé.

c) Conviria que o teólogo se situasse entre dois extremos: o do basismo ou populismo e o do vanguardismo. Por um lado evite sacralizar o povo, achando que tudo sai do povo, que do povo só sai o que é certo, que o povo sozinho, por si mesmo e sem ajuda, poderá explicitar as implicações da sua fé. (Não foi esse o caso de Moisés). Mas por outro lado cuide para não manipular a fé do povo a pretexto de estar servindo o povo. Não se substitua ao povo no crescimento da sua fé, não atribua nem imponha ao povo pontos de vistas puramente pessoais, nem procure cooptar a fé ou expressões da fé do povo nas suas considerações teológicas.

(14) Cf. Yves M.-J. CONGAR, *Vraie et fausse réforme dans l'Eglise*, Cerf. Paris 1950.

Fé e identidade cristã — Recordando as cartas de São Paulo e São Pedro notei como eles insistiam na identidade cristã, distinguindo os fiéis dos pagãos por um comportamento evangélico, não se preocupando em agradar aos outros. Às vezes me pergunto se hoje alguns teólogos, movidos pelo desejo legítimo de se parecer com os homens de hoje (é o princípio da encarnação), não estariam compactuando com um tipo de comportamento inconciliável com a fé cristã, preocupados, talvez demais, em agradar aos homens em detrimento das exigências do seguimento de Cristo.

Fé e ideologia — Conviria discutir também um pouco da complexa questão da ideologização da fé e da teologia. O teólogo deve evitar uma ideologização excessiva da fé na comunidade eclesial. Digo "excessiva" porque talvez não se possa evitar um pouco de ideologia. Parece-me impossível pretender conseguir uma fé concreta e pessoal, quimicamente pura de toda ideologia. Talvez isso seja possível numa fé puramente abstrata. Mas o que importa é que, na relação entre ideologia e fé, fique bem claro que é a fé que julga a ideologia e não vice-versa. "O homem espiritual (ou seja: que crê) julga a respeito de tudo e não é ele mesmo julgado por ninguém". São Paulo conclui dando a razão: "porque tem o pensamento de Cristo" (1 Co 2, 15-16). Em relação com a questão da ideologia é que se poderia discutir o problema da análise da realidade, da mediação sócio-analítica, da análise marxista, como condição para se chegar a uma prática da comunidade eclesial que não seja ingênua nem ambígua, mas inspirada por uma fé autêntica.

Importância da Cristologia — Na mesma epístola aos Coríntios São Paulo destaca que, como bom arquiteto, pôs o fundamento e ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo (1 Co 3, 10s). Quanto mais vivo, mais vivencio que o fundamental para a fé e a teologia é a cristologia. Captar a verdade sobre Jesus Cristo, eis a primeira tarefa do teólogo. É bom não esquecer como nos primeiros séculos as heresias cristológicas desafiaram a fé da comunidade eclesial. Ousaria pedir aos teólogos uma atenção especial e um tratamento sério deste fundamento da teologia que é a cristologia. À sua luz muitas questões hoje tão controversas e implicadas na prática pastoral encontrariam um justo encaminhamento: imanência-transcendência, horizontalismo-verticalismo, encarnação-escatologia, ação-contemplação, fé-engajamento, sacramentalização-evangelização, fé-vida, teoria-prática, logos-caritas, ortodoxia-ortopraxis, etc.

Como bispo polivalente, com muitas tarefas diocesanas numa diocese com carência de pessoal e de recursos, tenho lido poucos escritos teológicos. Por esse pouco que li, sinto às vezes uma certa preocupação

e apreensão, temendo um obscurecimento do mistério de Cristo. Mas confesso também que certas idéias cristológicas de alguns teólogos me causaram alegria, fazendo Deus "reluzir em nossos corações para fazer brilhar o conhecimento da sua glória que resplandece na face de Cristo" (2 Co 4, 6).

Assim:

- a) a insistência em identificar o Cristo da fé e o Jesus histórico;
- b) a valorização do conhecimento do Jesus histórico no contexto em que viveu, para podermos fazer a transposição do seu testemunho e de suas palavras para o nosso contexto cultural;
- c) a morte de Jesus interpretada à luz de sua vida;
- d) a justa conceituação do cerne do mistério de Cristo, expresso na fórmula tradicional: verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Neste sentido gostaria de concluir citando Hugo Echegaray em "A prática de Jesus(15):

"... a divindade de Jesus transparece ao longo de sua vida terrestre, sobretudo, na qualidade particular, única, de sua consciência filial, de viver perante o Pai e pelo Pai. Mas isto não permanece a modo de uma dimensão à parte, isolada na vida de Cristo e quanto à sua ação histórica, mas justamente se articula como o esquema teológico-profético do Reino para significar assim seu cumprimento em favor dos pobres, desde o já dessa história lançada para um futuro radicalmente novo. Jesus não fala nem vive para si mesmo, justamente por ser o Filho de Deus. A indicação dessa filiação ocorre então através do tema do Reino de Deus e da identificação de Jesus com ele, como um dom oferecido a todos os homens. [...]... a plenitude humana de Jesus, a profundidade de sua humanidade, sem nenhuma pegada de pecado, constitui o melhor índice histórico de sua divindade, a qual, por outro lado, só é proclamável à luz da experiência pascal da fé".

"Em Cristo tem lugar para a humanidade e em seu seio, a comunicação *ad extra* (para fora) do próprio Deus. Isto significa que um ser humano, marcado pelas condições objetivas de nossa história, pelas precisas circunstâncias de sua época, pelas exigências e tarefas que dali decorriam, é o lugar da plenitude da revelação de Deus, como somente o Filho poderia conhecê-lo e dá-lo a conhecer. [...] A vida humana de Jesus Cristo, tomada na totalidade, para nós significa deveras o canal da revelação do Pai. [...] Jesus o Galileu é o Verbo do Pai, não mediante um mero discursar sobre o Pai, mas através dos gestos singulares, emoldurados em um tempo e espaço dados, pelos quais reconhecemos que seu comportamento é o do Filho e que sua palavra

(15) Hugo ECHEGARAY, *A prática de Jesus*, Vozes, Petrópolis 1982, 27, 34 e 35.

exprime essa vida filial. A questão de Cristo é cada vez mais a questão do próprio Deus. Hoje nos aproximamos de Cristo como o lugar de escuta da Revelação do Pai. Nosso Deus é o Deus de Jesus Cristo. Só podemos reconhecer-lhe a identidade no profeta da Galiléia".

* * *

O TEÓLOGO E A COMUNIDADE

Um primeiro esboço

Bernardino Leers O.F.M.

1. O teólogo, cristão entre outros

Definições formais têm, às vezes, a desvantagem de não dizer o óbvio. No entanto, uma definição de o que é um teólogo não pode prescindir do "óbvio ululante", de que ele é "gente", pessoa humana inacabada, que teve sua infância, sua adolescência e passou por um processo histórico de amadurecimento para tornar-se um homem cristão adulto, bebendo das mesmas fontes comuns populares, como tantos outros cristãos que aprenderam a viver neste mundo. Depois, especializou-se para exercer o ministério de teólogo na Igreja, estudou metodologia, hermenêutica, história, críticas específicas, apropriou-se da linguagem especial dos teólogos e formou um sistema ou vários sistemas de coordenar definições, argumentos, teses e teorias.

Todavia, sua primeira escola foram seus pais, irmãos, parentes, vizinhos, catequistas da primeira comunhão, festas e ritos religiosos de que participava com os demais membros da comunidade local, num intercâmbio contínuo que se processou sem muito pensar e numa simbiose de sensibilidades, avaliações, valores e conteúdos de que só anos depois talvez, começou a conscientizar-se. As raízes de suas interpretações e atitudes religiosas e morais estão na forma própria do catolicismo do povo em que foi criado e cresceu com os outros fiéis que viviam ao redor dele.

A aprendizagem teológica científica e o ministério de teólogo aprofundaram-lhe os conhecimentos e alargaram-lhe os horizontes da fé e da razão, na medida em que soube integrar progressivamente as novidades e as descobertas em sua própria vida e formar nela as atitudes correspondentes. Se este processo de interiorização já não tem regras fixas nem a garantia de bons resultados, menos uniforme ainda é o relacionamento do teólogo com sua comunidade de origem, a comunidade ou as comunidades com que têm maior ou menor contato agora e que vivem

sua fé conforme a graça que recebem, a boa vontade que possuem e a capacidade com que chegam a enfrentar as dificuldades da vida e vencer os obstáculos em sua caminhada.

A palavra "comunidade" tem sua elasticidade própria e é de extensão variável, como igualmente variam a frequência, a intensidade e intimidade dos contatos interpessoais e sociais. Pois os contatos, a convivência, podem ser com um pequeno grupo de estudantes e colegas, o povo local duma paróquia, um movimento religioso ou, por meio de viagens e leituras, com diversas Igrejas locais, ou até com a Igreja universal, embora este caso seja mui raro, pois o conhecimento teórico e prático geralmente se limita ao Ocidente. As Igrejas orientais ou a "contextual theology" da Ásia e da África não atraem muita atenção na América Latina, envolvida na procura de seu próprio rosto.

A facilidade com que o termo comunidade é usada inclui seu próprio risco de ideologização, pois não explicita as diferenças, tensões e conflitos que podem viver dentro do grupo social que se etiqueta com este termo tão em moda. A convivência com um grupo burguês urbano implica outros condicionamentos do que a frequência a aldeias rurais ou a sindicatos de operários de salário mínimo, em termos de idéias, preferências, linguagem, aspirações e apelos que fazem ao teólogo. Se este teólogo tem contato com uma variação de grupos dentro de um catolicismo em mudança, com suas várias fases de evolução, o relacionamento com "a" comunidade se complica, ainda mais.

No contexto eclesial católico, qualquer comunidade de fiéis está ligada à hierarquia, na pessoa do bispo local, da CNBB, do Papa. Na realidade da vida, esta ligação pode mostrar uma grande variação, apesar da fácil uniformização teológica em teoria. Desta variação, também o teólogo participa. Supõe-se, porém, como o título sugere, que o relacionamento do teólogo com seu bispo, os bispos, a Santa Sé não entre nesta reflexão. Por ser uma história à parte, este assunto merece ser tratado separado, embora tanto o ministério dos bispos, quanto o ministério dos teólogos tenham sua base comum na fé do povo de Deus e estejam a serviço da mesma comunidade eclesial.

2. Uma tipologia do relacionamento do teólogo com a comunidade

A fim de impedir um vôo formal e idealista com resultados aéreos, uma boa estratégia será começar tentando formar primeiro os principais modelos de relacionamento que a ordem empírica apresenta entre teólogos e comunidade(s). Uma especialização científica sempre significa um certo afastamento do ambiente original de vida, por causa da linguagem e dos enfoques próprios que o conhecimento e o trabalho científicos formam, aos poucos, na mente da pessoa e em sua maneira de ver a

Deus, a Igreja, os homens, o mundo, a vida. Por isso, o relacionamento com o meio ambiente, de onde o teólogo saiu, e os contatos "de volta" que sabe fazer com os não-teólogos, a comunidade, os fiéis não especializados, podem oferecer imagens diversas.

Como uma primeira proposta de tipologia, pode servir a seguinte tripartição:

2.1. *O servidor da verdade* é aquele que se dedica de tempo integral aos estudos teológicos, acompanha a produção teológica conforme os critérios de opção que adota, prepara suas aulas e publicações, mas vive à margem da comunidade dos fiéis não iniciados, limitando-se a pregar "ex cathedra" sua palavra nas Missas dominicais, sem contato com o povo e sua linguagem religiosa, ao máximo freqüentando algumas famílias amigas. Este tipo de interesse predominante pela teoria se desdobra para dois lados, pois o conjunto de suas teorias e sua linguagem podem tanto reproduzir a neo-escolástica e os manuais que foram usados no seminário, com a maneira tradicional pós-tridentina de raciocinar e formular suas teses, como expressar um certo grau de compreensão das idéias filosóficas e ciências humanas contemporâneas e adaptação ao linguajar atual, mais ou menos comum entre intelectuais. Em ambas as suposições, a linguagem tem algo de fechado, hermético, ilhado, difícil de ser entendida da parte daqueles que não estão por dentro, e possui pouca força de penetração fora do ambiente restrito de colegas que estão a par deste tipo de comunicação lingüística e simpatizam com quem a usa como sua.

Como nos outros tipos, o teólogo, em procura da verdade pode pertencer mais ao grupo dos falcões ou ao grupo dos pombos; ser mais agressivo, tentando convencer os outros da verdade de suas teorias e armar todo um esquema apologético de respostas a eventuais perguntas, ou ser manso e modesto, pouco interessado em saber da penetração de suas idéias e reflexões entre o público e quase inerte diante dos ataques daqueles que foram educados em outros sistemas de pensar. Mas o que marca sua atividade é a seriedade de seus estudos e argumentos, ao lado da preocupação reduzida de comunicar suas eclosões da verdade à comunidade dos fiéis "comuns".

2.2. *O servidor da comunidade* é o tipo de teólogo que procura comunicar suas verdades descobertas, suas perspectivas e interpretações da verdade evangélica a um público mais amplo e tenta encontrar uma linguagem que expresse seus conhecimentos e visões de modo inteligível para seu auditório. Ao lado de seus estudos teóricos que fazem eclodir parcelas da verdade, ele quer construir uma ponte lingüística em direção

a seus ouvintes que vivem em outros mundos e são de classe social, formação escolar e religiosa, interesses bem diferentes. Pois a classe operária fornece outro público do que o Cursilho e um grupo de jovens universitários vive em outro mundo, tem outra estrutura mental, outros problemas e preferências do que um sindicato de trabalhadores rurais em região de latifúndio. Tais diferenciações não se limitam ao campo do saber profano, ao estilo de viver de cada grupo humano, mas abrangem também a tipologia da vivência do catolicismo nas várias camadas sociais do povo.

Característica, porém, desta procura de comunicação mais larga é a unilateralidade do movimento em que o mestre, o escritor, o conferencista teólogo se dirige aos outros. Perguntas da parte do público, casos que se apresentam, dificuldades que se formulam, levam-no a pensar, a explicar-se melhor, a procurar termos, imagens e símbolos mais adequados para os outros compreenderem os pensamentos e teorias dele, mas da parte dele não há verdadeira aprendizagem. No máximo, melhora sua eloquência, arranja maior habilidade e experiência de levar os outros para onde ele quer que cheguem e de tornar seus produtos intelectuais mais atraentes. Todavia, ele fica em seu próprio mundo de idéias e avaliações e continua firmemente a pensar na mesma linha em que ele se sente à vontade, praticamente impermeável às ofertas de surpresas, novidades e pontos de vista que eventualmente saem de seu público. O mestre tem a verdade na segurança da posse e é ele que a transmite aos ignorantes que não a possuem ainda como o mestre o deseja. A comunicação é, por assim dizer, de mão única e desce verticalmente do proprietário da verdade sobre os ouvintes sem posse.

2.3. *O servidor na comunidade* é o tipo do teólogo que descobriu que seus conhecimentos teológicos vívidos não são monopólio, não são posse exclusiva de sua categoria profissional. Talvez ele tenha penetrado mais nas raízes e origens de sua própria vida religiosa e moral; talvez vivendo com o povo, de olhos e ouvidos bem abertos, tenha encontrado, atrás do rótulo tradicional da ignorância, seus irmãos na fé com suas interpretações religiosas do universo, suas sabenças, suas regras de conduta moral, sua maneira de confiar em Deus e tocar a vida para frente. Tanto o reconhecimento das fontes históricas de sua fé e consciência moral, quanto a descoberta dos tesouros velhos e novos que sua comunidade de fiéis manifesta na medida em que recebe espaço suficiente para expressar suas idéias e convicções sobre Deus, Jesus, os Santos, a Igreja, as normas e práticas morais, abrem para o teólogo interlocutor um novo horizonte mais largo de trocas, de comunicação mútua, em que a dinâmica funciona dos dois lados e para os dois lados, como se a convi-

vência em comum fosse uma corrida de revezamento contínuo e não solitária de cada um por si, fechado em seu próprio mundo historicamente formado.

Baseando-se no fato de que fé, razão e consciência moral são realidades generosamente repartidas pelo Espírito entre a comunidade cristã toda, na medida diversa de cada um, o teólogo não está mais ilhado em sua reflexão nem procura remodelar parcialmente sua linguagem de forma que pessoas de outro nível e estilo de vida também possam entender. Ele caminha com o povo de Deus "pari passu", numa união relativa de experiências cristãs e humanas, ouvindo e falando, interrogando os outros e respondendo as perguntas deles, recebendo dos irmãos e distribuindo o que é dele. Este processo de comunicação recíproca e edificação mútua não costuma desenvolver-se sem os conflitos e mal-entendidos de qualquer processo de aprendizagem ou de acertar o passo com outras pessoas ou grupos, por causa das diferenças e distâncias que há entre os participantes. Mas dá menos choques e escândalos, verdadeiros ou falsos, do que os demais tipos de teólogos, porque prevalece a consciência de uma base comum, que consiste na graça da fé e na comunhão de intenções, na procura de alcançar, viver e testemunhar a verdade que o Espírito ensina e que será alcançada em plenitude, quando o Senhor Jesus vier.

Por causa da linguagem e entendimento comuns que se formam na medida em que o teólogo e a comunidade se entrosam pelo serviço contínuo de trocas e constroem juntos a Igreja, alimentada e impulsionada conforme a função de cada um, vencem-se mais facilmente as tensões que a introdução de mudanças e novidades pode causar num grupo originalmente bastante homogêneo. A verdade liberta, mas a capacidade de assumi-la e integrá-la é diferente de pessoa a pessoa, especialmente se essas pertencem a uma comunidade eclesial, cuja fachada era monolítica, fixada e imóvel, ao menos em aparência. Talvez seja esta problemática mais um posicionamento de ordem psicológica do que teológica, porque muitas vezes parece um conflito entre a psicologia do burguês firmemente estabelecido e arraigado na paz do seu habitat mental e a do nômade-aventureiro que não se fixa em nenhum lugar, mas sempre enfrenta novas aventuras do espírito. Contudo, o encaminhamento dessas dificuldades de relacionamento mútuo é importante para renovar a unidade da Igreja e impedir polarizações inúteis que só a morte resolve.

3. O fundamento comum

A Teologia é como o poder: corre o risco de julgar-se autônoma e "self-supporting" em sua hegemonia imaginária. A bibliografia teológica, tanto contemporânea, quanto histórica, pode dar ao profissional a

sensação de estar sentado numa roda gigante que, com todas as suas luzes acesas, gira e gira, sem conscientizar-se do eixo e dos suportes, firmemente implantados no chão, que lhe possibilitam o movimento circulatório. Talvez ele faça uma viagem fantástica pelo universo, como um satélite em redor da terra-mãe, sem perceber mais seu verdadeiro substrato e sua matriz original: a fé do povo de Deus e a consciência moral que a comunidade de fé manifesta nas decisões de sua caminhada. São vivência da fé e a experiência prática do bem e do mal, que fornecem o material autêntico para a reflexão teológica. Em suas especulações sobre o mistério de Deus e do homem no mundo, o teólogo dispõe de várias mediações científicas, ligadas à época em que de fato vive e trabalha, mas sua alimentação original e indispensável é a fé e a consciência moral, iluminada pela fé, que o fazem participar da Igreja do Senhor Jesus.

Esta explicitação é fundamental. Seja qual for o tipo do teólogo e do relacionamento com os outros, suas reflexões, argumentos e teorias são sempre secundários em relação à matéria original que sua fé vivida e sua consciência moral apresentam. O que sai em palavras e publicações é doutrina, é tese, é reprodução ou novidade, repetição ou reformulação, mas é de instância secundária. Teologia não é "l'art pour l'art" ou vôo livre no vácuo; supõe a pessoa cristã que se desdobra sobre sua vivência da fé recebida e as avaliações de sua consciência moral. O primeiro fato histórico não é o teólogo, a reflexão que faz, as mediações que usa, o documento que produz, o livro ou artigo que escreve, mas a fé que vive e a consciência que entra em ação para discernir e decidir na vida. Na análise do trabalho teológico, o último lugar e o substrato desta produtividade são a pessoa que crê e toma conscienciosamente suas decisões, assume suas opções, nas situações em que se encontra e em relação às possibilidades que se lhe apresentam.

A vivência da fé e a formação da consciência moral do teólogo não são fatos completos e perfeitamente acabados. Ao contrário, como a própria pessoa cristã, crescem, desenvolvem-se, podem deformar-se, têm suas luzes e sombras, passam por experiências de entusiasmo e segurança, como passam por sensações de escuridão, incerteza e frustrações. Nesta perspectiva, cada um escreve sua própria história e anda, com a graça de Deus, por suas próprias pernas numa responsabilidade que é dele e que ninguém lhe pode dispensar, porque sem liberdade não há fé nem consciência moral pessoais. Além destes dois instrumentos vitais para o cristão viver, o teólogo usa constantemente a razão, um conjunto complicado de percepção, intuição, conhecimento, compreensão, criatividade, raciocínio e formulação da inteligência alcançada. Também este instrumento que se mistura na unidade relativa da pessoa caminheira é dinâmico, mutável e capaz de estender-se no espaço e no tempo em raios cada vez maiores.

Nenhum destes três instrumentos da vida prática cristã, porém, é monopólio do teólogo. A vivência da fé como expressão responsória do Mistério d'Aquele que era e que é e que há de vir, ele a recebe e desenvolve pela mediação da comunidade eclesial de que faz parte desde seu batismo. O caráter recíproco da consciência moral e da razão humana alarga mais ainda este horizonte, porque estes dois instrumentos pertencem, pela força criativa de Deus, à humanidade inteira, em toda a diversidade de povos, culturas e épocas. De fato, o princípio anselmiano do trabalho teológico, "*fides quaerens intellectum*" (a fé em busca da inteligência), não encontra sua base simplesmente na inventividade original e no esforço do indivíduo, mas se prolonga para dois lados: a comunidade de fé e a comunidade humana, sem tornar-se, como produção pessoal, mera cópia ou reprodução do que estas comunidades já possuem, pois todas as criaturas humanas são feitas à imagem de Deus. O Corpo da Igreja não é um organismo físico de membros, cuja vida ou morte é determinada por um sistema neurológico central, mas uma convivência de pessoas livres, unidos na fé, na esperança e na prática do amor fraterno.

O substrato comum e o encontro contínuo dos vários instrumentos não apresentam sempre uma boa harmonia integrada e não excluem conflitos e tensões, como tampouco há paz eterna entre fé, consciência e razão dentro da mesma pessoa, do mesmo teólogo. Ao contrário, a história do dogma e da moral, geralmente escrita no nível da instância secundária das fórmulas publicadas, demonstra que a unidade comunitária se forma e reforma na medida em que as diversidades e oposições são absorvidas em novas formas de aproximação e entendimento mútuos. Sem chegar à uniformização doutrinária, a vida eclesial suporta uma larga margem de opiniões e atitudes diferentes, que funcionam como condição de sua vitalidade sempre renovada, dependendo da tática que se usa para resolver o conflito ou integrar a pluralidade na unidade.

Contra o fundo do processo histórico comunitário da fé, da consciência e da razão, em contínua conversão, em cujo caldo o teólogo tem sua origem, lugar pessoal e função própria, explicita-se melhor o movimento circular aberto que há entre a ortopraxis e a ortodoxia na caminhada do povo de Deus por este mundo. Na realidade da vida, a comunidade faz, forma e estabelece suas práticas de fé e ação num primeiro momento, para somente no segundo, chegar a formular teses e regras, como reflexos das experiências acumuladas, socializadas e transmitidas, na base da original revelação da pessoa do Senhor Jesus. Encontrando-se cada vez de novo com o Senhor e com os irmãos na Eucaristia, a comunidade celebra sua libertação e procura, reanimada na esperança e realimentada pelo Pão da vida, prolongá-la em suas andanças e lutas no mun-

do. No decorrer da história, a inteligência e vivência do Evangelho na comunidade eclesial conhecem suas luzes e sombras, virtudes e falhas, mas formam a espinha dorsal permanente do Corpo de Cristo, cujos membros estão interligados e unidos na busca do amor.

A cristalização deste processo básico da vida cristã produz a doutrina como formulário ortodoxo comum, expressão da prática universalizada da Igreja histórica que, conforme a época e o sistema de conhecimentos humanos adotado, capta e verbaliza o que, aqui e agora, o Espírito diz às Igrejas. Formulada a ortodoxia, essa dará conteúdo e forma à catequese e, por ela, marcará a prática do povo de Deus, orientando-o e dirigindo-lhe os passos, como peregrinos deste mundo, que tem de dar a todos os homens o testemunho da esperança de que são portadores em Cristo Senhor. Assim o círculo se completa em mútua dependência, formando o fluxo contínuo da vida eclesial na ondulação espiralada da prática cristã e da teoria teológica. Apesar de seu caráter inacabado e ainda imperfeito, a autenticidade da vida evangélica cristã produz nas condições humanas a ortodoxia e essa, por sua vez, há de fortalecer e orientar a práxis do povo de Deus na construção do Reino que neste mundo já começou e há de continuar até o fim dos tempos pela cooperação responsável de cada um.

* * *

A RELAÇÃO DO TEÓLOGO COM A COMUNIDADE ECLESIAL

Leonardo Boff O.F.M.

Há muitas formas de abordagem deste tema. Queremos aqui nos deter em duas, sendo que uma será apenas enunciada e a segunda detalhada.

1. O teólogo como conscientizador e explicitador das implicações teóricas e práticas de fé da comunidade eclesial

A primeira abordagem é teórica porque articula os campos teóricos em questão sem entrar nas práticas concretas de teologia exercida "in actu". Toda teologia, quer queira quer não, se organiza ao redor de dois olhos, o olho da fé e o olho da realidade histórico-social. Os antigos mestres diziam com acerto: a teologia é "ante et retro oculata". Possui um olho voltado às fontes da fé (Bíblia e Tradição) e outro voltado à situação em que vive o teólogo inserido numa comunidade histórica.

Pelo olho de trás (retro oculata) se apropria dos conhecimentos bíblicos, históricos, dogmáticos, litúrgicos que compõem o discurso da fé em sua identidade. Com o olho da frente (ante oculata) conscientiza as questões relevantes da vida da comunidade e procura iluminá-las com a luz adquirida com o olho voltado para trás. Entre os dois olhos há uma inter-relação dialética: os temas do passado iluminam temas de hoje; temas de hoje iluminam temas do passado. Na linguagem comum se diz: iluminamos a Bíblia (Tradição, Magistério etc.) com as luzes do hoje e iluminamos o hoje com as luzes da Bíblia (Tradição, Magistério, etc.).

Dentro desta perspectiva teórica a função do teólogo é dupla: por um lado é um membro da comunidade que possui uma bagagem rica de conhecimentos bíblicos e doutrinários, úteis para ajudar na compreensão da fé dos fiéis, dos problemas por eles suscitados, e nas exigências de justificação da própria fé e esperança cristãs; por outro lado é um membro da comunidade que ajuda a captar as questões relevantes da realidade histórico-social e a pensá-las à luz do Evangelho e da teologia. Na primeira é antes um professor (doutor), na segunda um intérprete (profeta). Sua função é explicitar a fé da comunidade, aprofundá-la, redizê-la dentro de uma codificação atual de tal forma que a fé mantenha seu enraizamento no passado e, ao mesmo tempo, incida sobre as questões vitais do presente.

Há dois riscos que podem desequilibrar esta articulação: concentrar-se de forma demasiada no olho de trás, originando-se uma teologia arcaizante, historicista, anacrônica, velhista; ou então fixar-se de forma excessiva no olho da frente, caindo numa teologia de modismos, novidadeira, glamurosa e coqueteira.

O ideal consiste numa boa formação clássica, supondo-se um domínio seguro dos dados bíblicos, dogmáticos, históricos e litúrgicos, combinada com uma sensibilização acurada pela atualidade, entendida com categorias críticas e analíticas, sabendo articular sempre discurso da fé com discurso da história, conferindo contemporaneidade ao pensamento cristão. Para se conseguir este "habitus mentis" (este treino teológico) é importante reciclar continuamente os conhecimentos do passado e do presente, manter abertas as sínteses elaboradas e ter uma atitude de permanente aprendizado humilde, de escuta dos tempos e obediência à verdade.

Em função do serviço que presta à comunidade deve o teólogo ser criativo, avançar tentativas de solução, ajudar a comunidade em sua própria capacidade de pensamento. Repetir sempre a lição aprendida, embora ortodoxa, não é critério de confiabilidade teológica nem de serviço à comunidade eclesial; o critério reside na inserção na própria comunidade e no esforço de explicitar o que, de certa forma, está implici-

to dentro da comunidade, com coragem e sentido de comunhão. A comunidade tem direito de receber a fé dos Apóstolos, por isso ortodoxa, mas tem direito também de recebê-la dentro de uma codificação atualizada, por isso expressa dentro dos registros próprios da cultura que a comunidade domina. Neste afã de serviço, particularmente, em função de ler os temas relevantes para a comunidade (sinais dos tempos), devem-se assumir os riscos inerentes a todos os processos de invenção e de elaboração do sentido; o erro não deve ser visto como algo absolutamente trágico, mas como um momento no processo global de fidelidade à fé, do qual se pode aprender mediante a revisão crítica e a correção. É melhor que errem os teólogos do que os pastores. Há de se evitar as vanguardas teológicas que pretendem pensar em lugar do povo cristão. Importa possuir uma inserção de comunhão e de participação na vida da comunidade. Aí dentro o teólogo pode assumir a tarefa de pastor (que anima) ou de profeta (que discerne os sinais dos tempos) ou pastor e profeta simultaneamente ou ainda sua função carismática própria de doutor; não é nenhum título de honra, mas um serviço que, segundo S. Paulo, segue àquele dos apóstolos e dos profetas.

2. O teólogo como intelectual orgânico da comunidade e na comunidade

Há uma segunda forma de relação entre o teólogo e a comunidade eclesial que caberia detalhar melhor. Antes de mais nada é decisivo entender o ministério da inteligência da fé dentro do processo maior da constituição, estruturação e ação da Igreja. A Igreja, seja como comunidade, seja como Povo de Deus em caminhada resulta de processos anteriores: a vivência da fé como encontro vivo com Jesus, o Espírito e o mistério do Pai; a celebração da gesta divina e da vida humana à luz do evangelho; a missão como serviço aos homens e testemunho daquilo que Deus fez por nós; os vários ministérios na comunidade coordenados pelos responsáveis pela unidade; a elaboração doutrinária da fé como esforço de sistematização lógica e racional dos dados revelados em conjugação com o curso do mundo. É neste último momento, entre todos os demais, que invocamos a teologia. O teólogo, portanto, situa-se dentro de um processo maior da Igreja com um ministério específico: aquele de iluminar racionalmente os conteúdos de inteligibilidade da fé e da prática da fé. Todos os cristãos devem poder pensar a sua fé, pois do contrário não seria uma fé humana. O teólogo assume esta tarefa de todos e se aprofunda nela. Transforma-se num intelectual organicamente articulado com a comunidade.

Dizer que o teólogo se constitui num intelectual orgânico da comunidade significa que(1) ele vai dedicar-se especialmente ao estudo

dos conteúdos da fé cristã, encarnado dentro de uma realidade sócio-histórica bem definida; isto significa também que(2) se preocupará com a organização e a caminhada concreta da comunidade, pois caso contrário, perderia sua organicidade vital com a comunidade. Nunca se trata como se depreende, de um saber meramente teórico, mas de um saber prático, orientado para a vida da comunidade. É no afã de ser um intelectual orgânico junto à comunidade e inserido nela que os teólogos latino-americanos estão apresentando um perfil característico. Basta fazer um pequeno elenco de atividades a que é convocado, para nos darmos conta das formas de concreção de sua atividade. Queremos, nesta parte, detalhar uma tendência que se delinea mais e mais nos teólogos articulados com a vida da comunidade. Trata-se de uma caminhada, de um estilo que se está perfilando, adequado às necessidades da vida da comunidade.

a) Primeiramente o teólogo dedica parte importante de seu tempo e vida à *docência teológica*. É professor nos institutos eclesiásticos, nos quais a Igreja forma os seus quadros de direção (clero). A docência obriga, por sua própria natureza, a colocar o acento no aspecto teórico da fé. Há uma exigência de sistema, de ordem, de visões globalizantes. Uma teologia séria atualmente exige permanente leitura e reciclagem de conhecimentos específicos de várias áreas da teologia; demanda, outrossim, estar atento à pertinência dos temas e acentos; não se trata, pois, de um acumular cultura teológica, sem jerarquizar a importância dos temas a partir da relevância que eles possuem, objetivamente, na comunidade; assim, uma comunidade de base, constituída por membros pobres e penalizados pela marginalização social e política, verá como altamente relevante os temas da dignidade humana, da imagem de Deus como "go'el" dos oprimidos, de Jesus que fez, realmente, uma opção pelos pobres etc. Não se quer insinuar que outros temas não sejam importantes e não devam ser vividos e refletidos; aponta-se para a relevância, a incidência existencial que alguns temas doutrinários possuem, dada a situação objetiva dos membros da comunidade. Tal senso de relevância entra na elaboração sistemática do teólogo seja na liturgia, na história, na exegese ou na teologia propriamente sistemática (dogmática).

Ligada a esta atividade docente, há a atividade da pesquisa, da divulgação erudita da teologia, da produção de textos, da participação de encontros teológicos, simpósios e debates. Nas condições latino-americanas, a produção teórica estrita não é muito significativa, porque há falta de tempo, de fontes e de condições materiais e psicológicas. A produção metropolitana apresenta-se incomensuravelmente mais abundante e mais calcada sobre o conhecimento crítico do passado.

A força da produção latino-americana reside na atualização da teologia, quer dizer, do pensamento calcado em cima de práticas e de dados de realidade concreta da comunidade, conferindo ao discurso da fé mordência e incidência sobre o sentido atual da vida cristã.

Apesar desta limitação, nunca se deixará de enfatizar a importância do estudo, da meditação teológica, do desinteresse imediato do saber, em vista da criação de uma bagagem teórica indispensável para a sensibilização das questões atuais, da percepção dos problemas que se ocultam por detrás das práticas eclesiais e populares e da criação de instrumentos teóricos mediante os quais interrogamos o real, o decodificamos e o reconstruímos teologicamente.

b) Atividade de *assessoria* nos organismos de Igreja como a CRB, INP, conselhos presbiterais, conselhos pastorais, ou organismos ligados à Igreja sem serem oficialmente de Igreja como CPT, CIMI, Comissões Justiça e Paz ou de Direitos Humanos etc. Nestes organismos a atividade é fundamentalmente de articulação entre a reflexão e a pastoral. Os temas não são doutrinários, mas supõem um aprofundamento da doutrina confrontada com os problemas concretos da vida da Igreja. Há aqui a necessidade de uma apropriação dos documentos oficiais do Magistério pontifício, conciliar, latino-americano e nacional, constituindo as referências de reflexão maiores para a pastoral da Igreja. A arte reside na capacidade de articulação de vários discursos: discurso da realidade pastoral que por sua vez implica uma compreensão adequada da conjuntura política e da conjuntura eclesial, dos movimentos populares, das estratégias do sistema dominante; discurso de fé que pressupõe versatilidade bíblica, dogmática, histórica, espiritual. A articulação para ser bem conduzida exige um conhecimento sério dos vários campos de saber com sua metodologia própria e seu limite de vigência (superação da compreensão ideológica), sem paralelizar os campos mas colocando-os em referência e conexão dentro de uma totalidade maior.

c) Teólogo como *assessor e explicitador*. A Igreja, na medida em que se fez mais e mais comunhão e se inseriu na realidade local, conheceu uma imensa vitalização. Os níveis de participação de todos fazem crescer correspondentemente os níveis de consciência. Nos encontros de pastoral, de aprofundamento da fé e de revisão da caminhada, a presença do teólogo é muito solicitada. Sua função não é magisterial nem sobre o trabalho dos participantes. O trabalho mesmo é feito pelos participantes nos grupos, nos painéis e nos plenários. O teólogo recebe a incumbência de desocultar os problemas, lançar elementos de reflexão, de análise crítica e de síntese. Nesta tarefa precisa de grande versatilidade: capacidade de apreensão dos problemas, das conexões entre as várias questões, a vinculação prática da problemática, recurso teórico para

aprofundamento, conhecimento da história da Igreja, de suas instituições e da doutrina para alargar o horizonte e relativizar soluções muito rígidas, habilidade na condução da discussão para evitar polarizações, sentido de relevância das questões e domínio da fantasia teológica para só dizer o que realmente interessa e faz avançar o debate, aptidão para sínteses enriquecedoras e encaminhamento para a solução a ser feita pelos participantes. A assessoria teológico-pastoral impõe grandes exigências ao teólogo que caminha organicamente com a comunidade. Em tudo deverá deixar transparecer o horizonte próprio da fé que se alimenta da oração e da mística, mesmo quando se confronta com as questões mais dilacerantes da justiça e da libertação dos oprimidos.

d) Teólogo como *animador das reflexões em cima das práticas comunitárias*. A reflexão, como já acenamos, não é mais monopólio dos teólogos ou do corpo sacerdotal. O povo de Deus, os fiéis participantes de comunidades de base mais e mais se apropriaram da palavra, da formulação das orações e da ritualização das celebrações não-sacramentais e paralitúrgicas. O teólogo, com frequência, é convocado para os treinamentos com as lideranças ou os coordenadores das bases. Tratam-se aí todos os temas possíveis da fé, desde os conteúdos básicos da teologia bíblica, da exegese, do credo, da liturgia até o como fazer e desempenhar as várias tarefas dentro da comunidade. A reflexão normalmente não é produto do teólogo individualmente tomado. É uma produção comunitária. Todos ajudam com relatórios, discussões de grupos, dramatizações e plenários. O teólogo reflete em cima das práticas e do nível de consciência revelado pelo grupo. Aqui não basta somente a teologia; são importantes a pedagogia e os recursos da dinâmica de grupo. O teólogo se vê obrigado a entrar no continente da cultura popular, valorizar as formulações da boca do povo, a narração de suas experiências de vida e de fé. É aqui que se dá o grande aprendizado do teólogo, a alimentação de sua própria fé em contato com a fé dos irmãos e das irmãs. O teólogo assume efetivamente sua qualidade de intelectual orgânico da comunidade e se faz aliado e amigo dos membros simples do povo de Deus. Sua presença confere legitimidade e sentido de valor às experiências de fé vividas e testemunhadas pelo povo.

Não raro o teólogo é convidado a participar de encontros de conteúdo político ou de classe, levando a contribuição do segmento de Igreja também presente dentro do bloco histórico dos oprimidos que bucam sua libertação. Asism ocorre a presença da reflexão teológica dentro de movimentos como aqueles dos direitos humanos, de união e consciência negra, movimento em defesa do favelado, associações de bairros, dos sem-terra etc. O discurso teológico não detém a hegemonia da reflexão, mas se compõe com aqueles que possuem a mesma perspectiva e lutam pelos mesmos ideais libertários do povo oprimido.

3. A originalidade do método

Em todas estas expressões do que-fazer teológico assoma a questão do método; efetivamente aqui reside em grande parte a originalidade do pensamento latino-americano. Não se trata tanto de dizer coisas novas ou nunca dantes formuladas, mas de dizê-las dentro de um certo estilo de abordagem e de ligação com a caminhada da comunidade.

Normalmente não se parte da doutrina já formulada. Não por desprezo de seus conteúdos, mas por respeito à caminhada concreta da comunidade que já assimilou e vive pacificamente a fé. Parte-se do nível de consciência religiosa do povo. Sobre sua conscientização e objetivação (em relatórios, dramatizações, trocas de experiências) se organiza a reflexão. Faz-se uma espécie de leitura de cego, enfatizando as questões mais relevantes e mais problemáticas para a comunidade. Sobre estas questões se concentra a reflexão bíblica, a utilização da doutrina comum, dos documentos oficiais de Igreja (encíclicas, documentos de Medellín, Puebla ou da CNBB), textos teológico-pastorais de teólogos. Por fim se busca "amarrar" as questões, quer dizer, concluir com pistas de atuação ao nível da compreensão da fé e ao nível da prática pastoral. Estes três momentos (ver-julgar-agir) são sempre dialetizados e consideramos como passos de um único processo de expressão, aprofundamento e mobilização da fé para que seja eficaz em termos de produzir graça social, dignidade dos filhos de Deus e uma convivência mais participada e fraterna.

Junto com este percurso, já vastamente assimilado pelas bases da Igreja, vai uma forte expressão litúrgica, devocional e celebrativa. A oração volta a ocupar o coração da vida de fé do povo. Tudo termina e culmina com a celebração onde os mistérios da fé são celebrados juntamente com a vida do povo e suas lutas e em seu sentido de pertença eclesial.

4. Desafios para a teoria e a prática teológica

Este estilo de prática teológica apresenta vários desafios que bem enfrentados podem significar um considerável enriquecimento para a reflexão da fé. Consideremos alguns:

a) *Produção individual-produção comunitária*

Por sua própria natureza este tipo de reflexão privilegia o aspecto comunitário. É a partir do pólo comunidade que se estabelece a relação para com outras instâncias teológicas, particularmente a importância do teólogo tomado individualmente. Ele não pensa simplesmente o que lhe apetece, mas aquilo que lhe é proposto pela comunidade. A pergunta primeira nesta correlacionalidade pertence ao grupo ao qual está ligado ou às questões que a Igreja concreta suscita. Daí se deriva a

importância de ouvir a comunidade, apreciar seus valores, aproveitar as formulações que vão surgindo nos grupos. Aqui há um campo vasto de aprendizado. A comunidade se transforma numa fonte de saber e de verificação do pensamento.

b) Ligar teologia com sociedade, mística com política

A atenção à comunidade leva a pensar a sociedade em seu processo de transformação. A sociedade constitui um fenômeno extremamente complexo. Para orientar-se nela faz-se mister de uma teoria da sociedade. Ela sempre está subjacente ao trabalho teológico, também àquele clássico no passado; entretanto, quase nunca foi explicitada. Na reflexão latino-americana há uma explicitação clara da teoria e da posição do teólogo dentro da sociedade. Procura-se ver a sociedade a partir de baixo e na ótica das grandes maiorias marginalizadas. Aí aparecem os conflitos da sociedade e a urgência de sua transformação para que nela haja lugar para todos e o povo possa ser sujeito de sua caminhada. Esta ligação faz urgir os elementos objetivamente libertadores e sociais da fé cristã, da prática de Jesus e do mistério da Igreja. Da mesma forma a espiritualidade procura não apenas se articular com a ação, mas com a ação transformadora, quer dizer, com a política. A teologia conscientiza sua dimensão política, na medida em que seu discurso incide sobre as práticas sociais; não aceita flutuar ao sabor dos interesses dos grupos, mas define sua posição à luz do evangelho; ao lado dos oprimidos e a partir deles estabelece as demais relações sociais. A vigilância ideopolítica deve acompanhar permanentemente a prática do teólogo.

c) Estilo popular-estilo burguês

A reflexão elaborada em cima das práticas da comunidade e do povo de Deus faz com que ela assuma características populares. Mais e mais gente do povo começa a ler textos teológicos. Vai surgindo um estilo popular, assim como vai emergindo uma autêntica Igreja popular. A assim chamada Igreja Popular não se opõe à instituição, à hierarquia ou à tradição; ela se distingue da Igreja burguesa. A fé cristã, encarnando-se nos estratos dominantes da sociedade e utilizando os instrumentos da cultura dominante (fornecidos pela escola, universidade, ciências etc.), incorporou características da classe dominante. A Igreja popular assume relações populares, na linguagem, nos símbolos, nos valores; a própria teologia vai se configurando também com traços populares. Esta tendência é ainda incipiente e deverá se prolongar e aprofundar muito mais.

d) Novos campos de reflexão teológica

Aos clássicos temas da teologia vêm somar-se novos que surgem da própria prática popular. Assim uma visão coerente da história e da teologia a partir da ótica dos oprimidos e, a partir deste ponto de vista, aberta à totalidade da realidade, está ainda por ser elaborada; a parti-

cipação dos cristãos em processos revolucionários de construção de uma nova sociedade recoloca a questão da missão da Igreja na história (não só religiosa, mas evangelizadora); a relação entre elites e massa é inadequada e até errônea, pois o que importa é a comunidade como mediação entre massa anônima e povo organizado, que resulta da vasta rede de comunidades e associações nas quais se elabora a consciência, se organizam as práticas e se aprofunda o projeto histórico; a teologia deverá aprender mais do que no passado, a ver a realização do Reino para além dos limites da comunidade cristã, nos movimentos que realizam a participação e postulam a mudança na direção de uma sociedade mais fraterna; para discernir a presença ou não de elementos do Reino em tais fenômenos importa conhecê-los de forma adequada; daí a teologia incorporar em seu trabalho também uma dimensão analítica, com instrumentos vindos das ciências do social e do homem.

e) A transcendência do trabalho teológico

Apesar de sua inserção na comunidade e das limitações que toda encarnação objetivamente encerra, a atividade teológica conserva um caráter mais transcendente. Finalmente, a razão crente deve pensar a verdade de Deus, pouco importa onde ela se manifesta; cabe também ao teólogo desdobrar as questões, criativamente aprofundar os dados da fé, enriquecer o horizonte com novas perspectivas do mistério, alçar-se para além das urgências de seu tempo e pensar a fé em sua especificidade e tudo o que lhe pertence. É aqui onde a teologia, mesmo se fazendo em condições pobres, pode ser inovadora; o teólogo deverá estar aberto à crítica dos colegas e acolher o melhor juízo daquelas instâncias que têm por ministério o discernimento para o bem da comunidade. Assim como a Bíblia não apenas ensina verdades formais, mas apresenta hipóteses, sugestões, acenos e buscas, assim pertence também à atividade teológica cavar nos "profunda Dei" com ousadia associada à unção e o respeito que merecem as coisas do Mistério.

* * *

TEOLOGIA, MAGISTÉRIO E COMUNIDADE ECLESIAL

Carlos Palácio S.J.

Para uma justa articulação destas três realidades é necessário ultrapassar o nível das relações pessoais (teólogo-bispo; ou determinados grupos como teólogos-CED [Comissão Episcopal de Doutrina] ou CEP [Comissão Episcopal de Pastoral] etc.), e o enfoque de natureza

jurídica (direitos, deveres, sanções, suspensão, negação da "missio canonica" etc.) para entrar decididamente numa **abordagem de tipo teológico**. Por trás dos processos aos **teólogos** (cf. casos Pohier, Küng, Schillebeeckx, Boff, e, em geral, um certo clima de mútua suspeição) há uma maneira de entender a **teologia** e finalmente uma **concepção de Igreja**. O problema das relações entre teologia e magistério depende, em definitivo, da eclesiologia subjacente e do lugar que nela ocupam o magistério e a teologia.

O objetivo destas reflexões é oferecer algumas coordenadas que ajudem a **situar** a problemática (do ponto de vista histórico, teológico e metodológico).

1. **A perspectiva histórica**

Basta lembrar qual era a situação dos teólogos e da teologia antes do Concílio (cf. esforços de renovação a partir do início do século; trabalho obscuro e silencioso das grandes figuras, grupos ou centros, mas à margem da "teologia escolar" e da oficial: cf. "Humani generis" e suspeitas com relação à "nouvelle théologie") para constatar que o **Vaticano II** representa um **momento histórico novo** nas relações entre teologia, magistério e comunidade eclesial. Não só durante a experiência conciliar (cf. presença e atuação dos teólogos no Concílio) mas como uma nova maneira de **teologizar** que se impôs à consciência eclesial (cf. dinamismo e criatividade do imediato pós-concílio: revistas Concilium, Communio, Congresso Internacional de Teologia do Vaticano II em 1966; Congresso Teológico pós-conciliar: Toronto 1967; Comissão Teológica Internacional: 1969 etc.). Este mesmo espírito animou o trabalho dos nossos bispos e teólogos em Medellín (em claro contraste com uma certa distância tomada onze anos depois em Puebla com relação aos "peritos").

Pela aproximação entre teologia e magistério no Vaticano II e em Medellín, a teologia foi reconduzida ao seu lugar natural, ao solo natal do qual nunca deveria ter-se desprendido: a comunidade eclesial concreta. Porque ela é não só um "locus theologicus", mas a realidade primeira e o sujeito inicial da teologia: o "nós"-comunitário (Cremos!), a "ecclesia" como eu-sujeito da experiência e do compromisso da fé. Este é talvez o sentido mais profundo do que o Concílio queira dizer ao se autodenominar "pastoral": a devolução da reflexão teológica à vida de comunidade.

Mas paradoxalmente o Concílio só podia ser "pastoral" sobre bases teológicas (históricas e dogmáticas) novas.

Assim, por um lado, animou e revitalizou a comunidade eclesial; por outro lado levantou problemas novos. É por isso que a teologia pós-

conciliar pôde aparecer a muitos como excessivamente crítica, inoculocasta, questionadora (cf. problemas na área dogmática: cristologia, trindade, igreja; na área da liturgia e sacramentos; na área da moral; na área sócio-política etc.). O que talvez não era fácil captar nesse momento é que a responsabilidade dessa "liberalização" da teologia e de certa crise de identidade concomitante não era primeira e diretamente dos teólogos. Era o resultado de uma nova consciência de igreja e das suas implicações em todos os âmbitos da teoria e da prática eclesial. A teologia só podia debruçar-se sobre essa situação para ajudar a interpretá-la e a elucidar a consciência da comunidade eclesial.

Esta é a perspectiva correta para compreender a origem e a evolução da nossa teologia latino-americana de libertação. Ela é inseparável da tomada de consciência da **particularidade** das nossas igrejas (concretização histórica, social e cultural, do conceito teológico de igreja particular) e do coerente "**magistério particular**" dos nossos bispos que assumiram a tarefa de dizer e proclamar a fé dentro dos desafios da nossa situação eclesial. A **teologia** só podia logicamente voltar-se para essa realidade eclesial concretamente situada. Ela esteve presente nessa caminhada, numa nítida prolongação do que foi a colaboração entre teologia, magistério e vida eclesial durante o Concílio. Por isso ela também foi vítima das mesmas críticas, suspeitas e mal-entendidos.

É importante ter consciência de que o aparecimento de novas tensões entre teologia e magistério (destino da CTI, afastamento dos teólogos em Puebla, novo clima de suspeita, vigilância, processos a teólogos, impugnação da teologia etc.) só pode ser corretamente interpretado dentro desse quadro total. Não se trata só de um teólogo ou de uma teologia. O que é impugnado é o equilíbrio original, característico do Concílio, entre teologia, magistério e comunidade eclesial. A questão não pode ser reduzida (e isolada!) às relações teólogos-bispos. O problema é eclesiológico: o lugar e a função que cabem à hierarquia e aos teólogos dentro de uma determinada concepção de igreja. O que nos coloca, a vinte anos de distância, diante de um verdadeiro problema de "**recepção**" do Concílio: até que ponto foi assimilada a sua virada eclesiológica e teológica?

2. A dimensão teológica

Para compreender o que está em jogo na atual hesitação eclesial diante da evolução pós-conciliar, é necessário lembrar a concepção teológica subjacente ao "modelo" resultante do Vaticano I, amplamente presente ainda no inconsciente coletivo da Igreja assim como no seu imaginário social. Isto permitiria compreender a fragilidade ameaçada — histórica e teológica — do novo "modelo" resultante do Vaticano II.

Seria indispensável descrever o contexto global sem o qual dificilmente se poderia entender o Vaticano I: do ponto de vista eclesial (herdeiro da crise de Reforma com todas as suas conseqüências); do ponto de vista sócio-político (emancipação progressiva dos Estados modernos; grandes revoluções e convulsões sociais); do ponto de vista cultural (racionalismo e secularização progressiva). Tudo isso explica que o Vaticano I tenha sido sob muitos aspectos um concílio defensivo, apologético, "restauracionista". A sua concepção de Igreja é a herança de um século de eclesiologia (da Revolução Francesa ao Vaticano I) que, segundo Congar, se desenvolveu sob o sinal de **afirmação da autoridade**. O que explicaria em grande parte o debate sobre o primado e a infalibilidade, e a concentração cada vez maior da Igreja na sua autoridade suprema.

Mas esta concepção da autoridade é inseparável da maneira de entender a revelação, a tradição e a fé. Ao introduzir a "autoridade" na definição **dogmática** da Igreja, o **magistério** (infalível do Romano Pontífice) se tornava o elemento decisivo e formal da tradição e da interpretação da Escritura (cf. distinção entre tradição material-histórica e tradição formal-teológica e o consequente estreitamento da tradição viva), a **revelação** corria o risco de tornar-se um sistema coerente e fechado de verdades (proposições claras e inquestionáveis) e a fé reduzida à adesão e aceitação intelectual dessas verdades.

Neste contexto no qual a autoridade do magistério desempenha o papel de regulador absoluto da fé, à **teologia** só cabia comentar as afirmações do magistério e explicar os enunciados de fé (instrumento submetido, domesticado, como prolongação do magistério). Não deixa de ser significativo que seja precisamente ao longo do século XIX que vão sendo "apagadas" as tradicionais Faculdades de Teologia e substituídas pelos Institutos Romanos (cf. restauração do Colégio Romano em 1824 por Leão XII). A teologia histórica, em contato vivo e direto com as fontes conciliares e patrísticas (daí o prestígio e autoridade dos professores de teologia: conhecedores e intérpretes do "magistério das fontes objetivas" eles apareciam como um "magistério paralelo" "avant la lettre"), foi substituída aos poucos pela "teologia dos manuais" e pela "Denzingertheologie" (cf. neo-escolástica como uma espécie de "teologia oficial do catolicismo": ortodoxia x racionalismo: autoridade e centralização x galicanismo).

Se esta evolução se explica no contexto do século XIX (racionalismo, fideísmo etc.: Constituição *Dei Filius*, *Quanta cura* e *Syllabus*) também é verdade que este "modelo" das relações entre magistério, teologia e comunidade eclesial iria marcar profundamente a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, sobretudo até o Vaticano II (cf. crise modernista, "nouvelle théologie", maioria e minoria do Concílio). O **magistério** se dilatando muito além das fronteiras do que

se refere a "fé e costumes" (encíclicas, discursos e intervenções em todos os campos) e o **trabalho teológico** totalmente subordinado ao magistério (como norma interna, material e formal da própria teologia). A eclesialidade da teologia será medida não pela sua adesão à fé da Igreja e à vida da comunidade eclesial mas pela sua fidelidade ao ensinamento do magistério (cf. exigência da "missio" para ensinar etc.).

Não se trata aqui de "julgar" esta articulação histórica entre teologia, magistério e comunidade eclesial. É importante, contudo, perceber que ela se apoia sobre uma evolução semântica e histórica do termo "magistério" que, como mostrou rigorosamente Congar, passou do sentido de autoridade e de ensinamento ao sentido de **doutrina e corpo hierárquico**, condicionando com isso a forma histórica das relações entre magistério e teólogos.

Por outro lado não se pode negar que, ao reduzir a função da teologia ao seu papel de comentadora do magistério, este "modelo" resultante do Vaticano I não só desconhecia o lugar e a tarefa da teologia dentro da comunidade eclesial como também corria o risco de identificar perigosamente o magistério com **uma** escola determinada (a romana), com **uma** linha muito bem definida de teologia. O que só podia ser prejudicial para a teologia e para o magistério. Porque a teologia, como esforço **humano**, feito a partir da fé, por uma pessoa ou por uma escola, para pensar e tornar compreensível, significativa e operante a revelação cristã, será sempre **pluralista** (pelo instrumental teórico utilizado, pelo ponto de partida, pela tradição e ambiente no qual se desenvolve) e necessariamente **inadequada** (aquém da realidade mesma da fé), mas nem por isso mesmo menos **necessária**. E a hierarquia, como magistério, tem o dever de informar-se sobre a reflexão teológica porque não lhe cabe, como hierarquia e magistério, fazer essa investigação mas regulamentar a fé da comunidade.

Assim aparece a originalidade do "modelo" que surgiu no Vaticano II. Ele não pode ser reduzido só a questões de método mas é o esforço por re-situar as relações entre a teologia e o magistério **dentro** da comunidade eclesial, devolvendo a cada um a sua especificidade. Por isso o "teologizar" do Concílio se apoia sobre dois pilares: a **eclesiologia** do povo de Deus, da "ecclesia" como realidade primeira e fundamental (com a exigência de recompor todos os aspectos da igreja nessa perspectiva), e a afirmação da Palavra viva de Deus (Escritura e Tradição) como autoridade e critério supremo na comunidade eclesial. A partir daí é necessário precisar o estatuto do "magistério" na igreja (sem isolá-lo da realidade viva da comunidade e da submissão à Palavra) e reconhecer a originalidade irredutível do carisma dos teólogos como serviço à fé e vida da comunidade, submetido à tradição viva da fé apostólica.

Finalmente, numa perspectiva histórica que recupere a dimensão teológica de cada modelo é facilmente compreensível que não é só uma questão entre teologia e magistério o que está em jogo, nas atuais tentativas da Igreja, mas é toda a compreensão teológica do Vaticano II.

3. A questão metodológica

A concepção teológica repercute no próprio método utilizado pela teologia do Concílio ou na sua maneira de "teologizar".

a) *O sujeito da teologia*

Querendo ser "pastoral", o Concílio não parte de uma teologia feita (e muito menos da teologia escolar dos manuais) mas da **fé comum**, vivida, experimentada e celebrada na e pela **comunidade eclesial**. Não se persegue a "doutrina-em-si", mas a doutrina repensada de maneira viva e como vida num contexto histórico e social concreto.

Deste modo o Concílio recupera o "teologizar" dos Santos Padres: a partir da experiência da salvação, como vai-vém entre o mistério vivido da Igreja (oração, liturgia, comunhão, etc.) e o mundo e a história como missão (daí: adaptação da linguagem e diálogo com as culturas etc.).

b) *O lugar da teologia*

É a **práxis** (mistério de fé e compromisso pela história) da **comunidade eclesial** com os seus desafios inéditos e surpreendentes. Tal teologia que pretende iluminar a situação "particular" de cada igreja, não pode ser escolar e repetitiva, mas necessariamente criadora; não pode limitar-se à apologia do conhecido mas deve correr o risco dos caminhos novos. Ao animar, problematiza.

c) *O método da teologia*

— Primazia da **Palavra de Deus** (Escritura e Tradição divino-apostólica) sobre o magistério e a tradição eclesial [cf. DV 9, 10, 21, 24]].

Abre-se e dilata-se o conceito de tradição que é o **ser mesmo da igreja** (fé e compromisso nos quais se faz atual a revelação e se torna palavra viva para o contexto histórico e social da comunidade).

Daí a consciência da distância entre a verdade revelada e as suas formas e expressões; a necessidade da inculturação, a hierarquia das verdades (cf. problema da hermenêutica, unidade entre ortodoxia e ortopráxis, etc.).

— Ampliação das **mediações**: não só filosóficas, mas também as das ciências humanas e sociais. Porque a fé da comunidade deve ser vivida nos contextos concretos da história social e política.

Recuperação da teologia "histórica" e "positiva" e das suas leis hermenêuticas, aplicadas também aos textos do magistério. (cf. LG 25; cf. *Humanae vitae*).

* * *

MAGISTÉRIO E TEOLOGIA NO BRASIL

Duas proposições

Mário de França Miranda S.J.

Primeira proposição: *Não existe propriamente na Igreja do Brasil um conflito entre magistério e teologia, tal como ultimamente se apresentou, e ainda se apresenta, nas Igrejas do Primeiro Mundo. Verificamos em nosso país um conflito entre bispos e teólogos de um lado, e bispos e teólogos de outro, provocado pela diversa interpretação da nossa realidade e pela desigual compreensão e realização da missão da Igreja. Este conflito interno deita suas raízes na tensão mais ampla entre Igreja do centro e Igrejas periféricas.*

Certamente muitas causas confluem para provocar e explicar a diferença acima afirmada; ultrapassa o âmbito desta reflexão enumerá-las e analisá-las todas; pretendemos apenas chamar a atenção para aquela que nos parece ser a razão maior desta diferença.

A teologia do Primeiro Mundo tem diante de si o desafio da modernidade e da pós-modernidade; ela busca justificar a fé cristã diante da razão crítica, da razão secularizada, da razão atingida pelos mestres da suspeita. A crise da realidade é para ela crise de sentido, e é neste nível noético que ela atua: pela reinterpretação da fé neste contexto sócio-cultural e histórico, ela procura fazer-se entender pelo homem da modernidade (e da pós-modernidade), devolvendo ao cristianismo seu sentido, sua credibilidade e sua pertinência. Por outro lado a história da Igreja nos ensina como novas interpretações e formulações da fé cristã nunca se dão sem atritos, acentuações exageradas, perigos de reducionismos e erros, redescobertas de verdades esquecidas, mudanças da consciência eclesial, esforços penosos para integrar novos elementos numa fé tranqüila e talvez demasiado satisfeita consigo mesma, momentos de instabilidade nos marcos teóricos, sentimentos de insegurança e mesmo de angústia. Tudo isto está acontecendo hoje e situa as sucessivas intervenções do magistério eclesiástico, especialmente da Santa Sé, através

de seus diferentes órgãos. Por seu lado a teologia luta pela sua autonomia científica, por um espaço próprio onde erros e unilateralidades possam se dar e serem corrigidos, reivindica a legitimidade do pluralismo teológico, alerta para o perigo de uma ortodoxia verbal, reafirma a autoridade da tradição (o que a Igreja crê) sobre a autoridade do hierarca, redescobre a noção teológica de recepção, desvela as causas históricas de uma maior centralização do poder na Igreja, especialmente no último século, e denuncia possível uso ideológico do magistério. O conflito está em curso, sem que possa surgir um modelo acabado do relacionamento magistério-teologia que o exclua de vez, já que ambas as instâncias, na sua autocompreensão e no seu agir, são profundamente marcadas pelo contexto histórico e sócio-cultural onde estão inseridas. Esta polêmica em curso, especialmente na Europa, é de cunho regional apesar de suas pretensões universalistas, mas nem por isso deixa de ter sua importância para nós, já que somos, pela nossa formação, filhos da modernidade, mesmo que com ela desiludidos.

Porém em nosso país o desafio maior à Igreja e à teologia não é o da modernidade, e sim o da situação revoltante de imensas multidões de empobrecidos, provocada por sistemas sócio-político-econômicos que todos conhecemos. E aqui não se trata de justificar a fé cristã diante das interpelações de uma razão abalada pela miséria e pelo sofrimento; neste caso estaríamos reproduzindo, talvez num nível qualitativamente inferior, a problemática do Primeiro Mundo, onde o bem-estar reinante impede a experiência concreta e fecunda do sofrimento das multidões, permitindo que o mesmo seja equacionado e "resolvido" em elaborações mentais. Para nós trata-se de entrar na luta para diminuir este sofrimento, não só denunciando estruturas e ideologias opressoras, mas pon-do-se do lado das massas oprimidas, com elas cominhando, sofrendo e avançando rumo a uma nova sociedade. E como toda compreensão se constitui sempre dentro de um contexto sócio-cultural e histórico, Cristo e a sua mensagem devem-se encarnar neste quadro doloroso e desafiante para a consciência cristã; este é o solo fecundo de onde brotam não só reinterpretações e reformulações da fé, mas também práticas concretas para a transformação da sociedade.

Contudo a captação e interpretação desta realidade vai ser diversa nos cristãos conforme sua proximidade e identificação com os oprimidos, conforme sua leitura sócio-econômica da mesma, seu lugar social, sua coragem em privar-se dos poderes deste mundo, sua sensibilidade pastoral, suas convicções teológicas, etc. E é esta realidade, enquanto apreendida pelo sujeito, o contexto concreto onde sua fé toma consciência de si, se entende e se formula, se demonstra real e viva em práticas e opções. Não nos esqueçamos, porém, que o "pôr-se com os pobres"

ou o "não pôr-se com os pobres" é o momento prático e decisivo desta experiência de fé, interior à própria compreensão e formulação da mesma, iluminando-a, confirmando-a e fortalecendo-a. A prática não é (só) posterior à tematização, já que ambas implicam-se dialeticamente. Em nossa opinião aqui está o divisor de águas último na atual situação brasileira. Outros pomos de discórdia, alguns evocados com frequência como o instrumental de análise da realidade, são secundários diante da opção mais original de pôr-se ou não com os pobres.

A outra linha de divisão passa pela desigual compreensão da missão da Igreja. Já alguns aceitam com dificuldades (na prática) que ela não tenha sua finalidade em si mesma, mas exista em função do Reino, em vista da salvação que deve ser levada a todos os homens, de modo especial aos mais necessitados. A divergência maior, entretanto, aparece quando se procura determinar mais em concreto sua missão salvífica para o mundo: apenas proclamar a salvação de Jesus Cristo ou proclamá-la e buscar realizá-la, como o próprio Jesus não só pregou o Reino mas deu por ele a sua vida. Sem desconhecer que o simples anúncio já é uma prática (simbólica), opções concretas pelos mais oprimidos, com as sérias e inevitáveis conseqüências que as acompanham, geram naturalmente práticas pastorais e teologias subjacentes que contrastam com outras do passado.

Tudo o que foi dito vale para bispos e teólogos, influenciando fortemente no magistério ordinário de uns e na produção teológica de outros. Deve-se notar que, devido a proximidade da teologia com a realidade brasileira, bispos e teólogos encontram-se, no interior de cada grupo, bem mais vizinhos do que em outras partes. Por outro lado é evidente que, nesta situação, o ataque a linhas e práticas pastorais de um bispo (ou grupo de bispos) implica na rejeição da teologia que lhes dá base de sustentação, e vice-versa; a defesa se dará conseqüentemente em dois níveis reforçando a orientação comum. Este fato explica também a entrada de bispos na polêmica teológica, como tem acontecido ultimamente.

Julgamos outrossim que este conflito é apenas o reflexo de uma tensão mais universal. Na verdade estamos diante de um fato único na história da Igreja: as Igrejas do Terceiro Mundo, missionadas pela Europa, já constituem a maior parte dos católicos na Igreja Universal. Este fato reveste-se de grande importância pela crescente tomada de consciência, por parte destas Igrejas, de sua própria identidade. Esta consiste no modo peculiar de se viver a fé numa cultura determinada, num momento histórico preciso, enfrentando problemas e desafios próprios nos mais diversos setores da sociedade. Esta encarnação do cristianismo na diversidade dos contextos sócio-culturais foi promovida (AG 22) e aprovada (UR 16) pelo Concílio Vaticano II. Daí o sentido de Conferências

Episcopais que adotem práticas pastorais condizentes com as circunstâncias do momento (CD 38). Caso a Igreja recusasse assumir o mundo, a cultura e a história para aí proclamar e realizar a salvação, ela estaria ipso facto renunciando à sua catolicidade e comportando-se como uma seita. Aqui não temos uma cultura de tal modo própria que nos leve a tematizações da fé, cujos pressupostos fossem inacessíveis às outras Igrejas de cultura ocidental. Porém nossos problemas levam a acentuações diversas do patrimônio revelado e a respostas pastorais originais aos desafios que são nossos. O fenômeno em si não é exclusivo da Igreja do Brasil; a seu modo repete-se nas Igrejas da restante América Latina, da África e da Ásia. Daqui brota a tensão entre a Igreja do centro e as Igrejas periféricas, repetindo vinte séculos mais tarde o conflito entre a Igreja de Jerusalém e as Igrejas dos gentios. Não adianta insistir nos marcos teóricos que fundamentam as afirmações do Vaticano II (unidade e na uniformidade, Igreja como comunhão, adequada pneumatologia, etc.). Apenas nos perguntamos se haveria conflitos caso tais afirmações estivessem sendo respeitadas.

Segunda proposição: *O relacionamento entre magistério e teologia numa Igreja que fez a opção preferencial pelos pobres representa um desafio tanto para a proclamação da boa nova por parte dos bispos, como para a reflexão sistemática e crítica por parte dos teólogos, desafio este que exige uma estreita colaboração entre ambos.*

Esta segunda proposição está mais imperfeita e fragmentária que a anterior. Apresentamo-la por julgá-la importante no momento presente.

Não voltaremos ao tema da opção pelos pobres, pois sobre isso muito já foi escrito. Apenas nos serviremos, para refrescarmos a memória, das afirmações contidas num recente (1983) documento da CNBB (Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil). Aí nossa Igreja reitera a opção preferencial pelos pobres (nº 38), quer ser a "Igreja dos pobres" (nº 40), o que implica em assumir a sua causa (nº 39), em lutar pela justiça (nº 43) e sobretudo em reconhecer neles os protagonistas privilegiados da construção do Reino (nº 41); o desafio aludido na proposição vem assim expresso: "isso coloca a Igreja na necessidade constante de rever em profundidade a sua prática pastoral e o exercício de sua missão evangelizadora" (nº 39). Naturalmente esta revisão é complexa em extensão e em problemática. Aqui nos limitaremos a alguns pontos concernentes ao magistério e à teologia.

Opção pelos pobres e magistério: sendo a fé viva de toda a comunidade eclesial em sua vida, doutrina e culto (DV 8) a instância suprema do cristianismo, obrigando o próprio magistério da Igreja (LG 25 § 4),

não se pode mais conceber um exercício do magistério que não leve em consideração esta fé viva da Igreja. Assim podemos dizer com Congar: "toda a Igreja aprende, toda a Igreja ensina, mas de modo diferenciado". No Brasil a grande maioria dos fiéis são pobres; daí a importância de que os bispos ouçam os pobres e falem aos pobres. Ouvir os pobres é captar e valorizar o que eles crêem nas suas diversas manifestações: orações, celebrações, confissões de fé, gestos concretos; só assim a sua força evangelizadora se fará sentir, beneficiando toda a comunidade eclesial. Mas não só ouvir, também falar aos pobres. Faz-se mister voltar mais para eles o magistério, seja pela temática, seja pela linguagem, o que, felizmente, já vem acontecendo em algumas dioceses do Brasil. Com isto evita-se o perigo de um discurso genérico que, silenciando as reais tensões sociais, presta-se à manipulação ideológica, ou de um discurso idealista que, ignorando as condições concretas da vida dos pobres, revela-se ineficaz em suas orientações.

Opção pelos pobres e teologia: há muita coisa escrita sobre isso. Aqui gostaríamos de mencionar, brevemente, duas tarefas específicas de uma teologia que reflete dentro de uma Igreja voltada para os pobres. Em primeiro lugar ela deveria estar mais atenta à experiência de fé dos pobres. E isto pela simples razão de que eles são exatamente os que estão em melhor situação de acolherem e entenderem a boa nova de Jesus Cristo. A experiência cristã dos pobres tem uma função heurística para toda a Igreja, se de fato levamos a sério as afirmações do Novo Testamento. E aqui entra a reflexão crítica do teólogo. Pois toda experiência cristã dá-se sempre dentro de um horizonte de fé, síntese das experiências do passado e que constitui a tradição viva da Igreja; é sempre uma experiência interpretada. O horizonte teórico é o que permite a uma experiência da vida ser experienciada como experiência de fé. Sendo este horizonte sempre historicamente condicionado, pode ele também desfigurar em parte a experiência cristã, embora a sucessão de experiências, no indivíduo ou numa geração, acabe por gerar uma convicção de fundo, que critica e corrige unilateralidades no horizonte teórico, pois a experiência se dá sempre dialeticamente. De qualquer modo cabe ao teólogo examinar as vivências e expressões da fé popular para detectar em seu horizonte teórico o que lhe foi ideologicamente introjetado, ou simplesmente analisar o porquê de sua atitude de não recepção diante de determinados pronunciamentos genéricos do magistério, ou ainda, o que nos parece o mais importante, captar o que na vivência cristã destes privilegiados da revelação é realmente interpelação séria a todo o corpo eclesial. A outra tarefa teológica é decorrente da anterior. Se pôr-se na ótica dos pobres, se assumir sua práxis cristã é a melhor perspectiva para se captar e explicitar a mensagem salvífica, não deveria a teologia repensar a fé a partir dos pobres? O que há de realmente salvífico para eles na

soteriologia, na eclesiologia, na sacramentologia, na cristologia ou na doutrina da Trindade? Alguns teólogos em nosso país já procuram responder a tais questões.

Opção pelos pobres e magistério-teologia: os pobres ocasionam uma estreita colaboração entre bispos e teólogos, que evoca mesmo o que se passou nos Concílios de Trento e Vaticano II. Ambos necessitam-se mutuamente: os bispos, pela maior proximidade com os problemas concretos de seu rebanho, muitos deles urgentes, adotam práticas pastorais que necessitam ser fundamentadas ou corrigidas pela reflexão teológica; os teólogos, por sua vez, refletem a partir da consciência de fé e das práticas cristãs da comunidade eclesial, a partir de sua experiência cristã, em cuja constituição o bispo tem um papel único, como cabeça da mesma.

O autor, **Dom Paulo Ponte**, é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Entre outras funções que exerceu, foi professor de Teologia e diretor do Instituto de Ciências Religiosas de Fortaleza-CE. Em 1971 foi feito bispo de Itapipoca-CE. No começo deste ano foi nomeado arcebispo de São Luís do Maranhão.

Endereço: Caixa Postal 11 — 65000 — São Luís do Maranhão-MA.

O autor, **Bernardino Leers O.F.M.**, formou-se em Teologia em Nijmegen (Holanda) e Roma. É professor de Teologia Moral na PUC-MG e na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, de Belo Horizonte-MG. Entre suas publicações destaquem-se: *Religiosidade popular e mundo rural* (1977) e *Jeito brasileiro e norma absoluta* (1982), ambos editados pela Ed. Vozes, Petrópolis-RJ.

Endereço: Caixa Postal 16 — 25500 — Divinópolis-MG

O autor, **Leonardo Boff O.F.M.**, é doutor em Teologia pela Universidade de Munique (Alemanha). É professor de Teologia Sistemática no Instituto Filosófico-Teológico de Petrópolis-RJ. Autor de inúmeros livros, traduzidos em muitas línguas e publicados em várias edições. Destaquem-se: *Jesus Cristo Libertador* (180, 8ª ed.), *A graça libertadora no mundo* (1977, 3ª ed.), *O rosto materno de Deus* (1979), 2ª ed.), *Teologia do cativo e da libertação* (1980, 2ª ed.), *Igreja: carisma e poder* (1981, todos editados pela Ed. Vozes, Petrópolis-RJ).

Endereço: Caixa Postal 90023 — 25600 — Petrópolis-RJ.

O autor, **Carlos Palácio S.J.**, é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É professor de Teologia e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte-MG. Publicou *Jesus Cristo: História e interpretação*, Loyola, São Paulo 1979; *Vida religiosa inserida nos meios populares*, CRB, Rio de Janeiro 1980.

Endereço: Caixa Postal 5047 (Venda Nova) — 30000 — Belo Horizonte-MG.

O autor, **Mário de França Miranda S.J.**, é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É professor de Teologia na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte-MG. Publicou *O mistério de Deus em nossa vida* (1975), *Sacramento da Penitência. O perdão de Deus na comunidade eclesial* (1980, 3ª ed.), *Libertados para a práxis da justiça* (1980, todos pelas Ed. Loyola, São Paulo).

Endereço: Caixa Postal 5047 (Venda Nova) — 30000 — Belo Horizonte-MG.